

## ALVORADA COM BANDA

LUIZ SANCTOS DÖRING

Vice-Almirante (RRm)

Tudo começou como se proviesse do escuro. Uma peça de teatro para crianças. As moças, que cantavam à sua frente, eram muito bonitas. Um personagem, com aparência de heróis da vitrine de lojas de brinquedo, tocava, em instrumento estranho, um tipo de música com a qual não estava acostumado.

O menino acordou.

O sonho fora interrompido sem que terminasse, mas a música continuava.

Ele se surpreendeu com aquela cena de homens soprando cornetas e batendo em tambores. Por que tantos? Bloco? Não era época de carnaval. Muitas vezes cruzava, na rua, só com três ou quatro indivíduos tocando violão e tamborins, para ganhar dinheiro, principalmente à porta de restaurantes. “O que era aquilo?”

A jovem que se achava ao seu lado esclareceu-lhe:

– Uma banda militar.

“Ah... banda era aquilo!” Veio-lhe à mente a figura de sua avó, contando-lhe que ele assistira à passagem de uma banda, quando novo, fato de que não se lembrava; à época tinha menos de quatro anos de idade. Ela lhe garantia, até, que marchara, acompanhando os soldados que passavam. Nenhuma lembrança. Para ele parecia a primeira vez, embora já fosse completar dez anos.

Recordou-se do que ouvira o avô de um garoto dizer, numa das vezes em que passava pela praça, olhando as árvores, e os passarinhos e pombos que vinham catar os pedaços de biscoitos jogados no chão, os quais ele, furtivamente, também apanhava: “No meu tempo de criança, meus pais me levavam para ver a parada de 7 de Se-

tembro, na Avenida Presidente Vargas. Todo ano. Íamos de bonde”. A que uma senhora mais nova acrescentara: “No meu, víamos na televisão. Já não existiam bondes e ir para o centro da cidade era muito difícil. Hoje, nem televisão, o que é uma pena”.

“O que seria ‘bonde’? Por que nem televisão?”

A jovem ensinou-lhe o significado da palavra “bonde”; a segunda pergunta não soube responder.

Ele nunca assistira a um espetáculo tão interessante. Os “guardas” marchavam, batendo os pés no chão ao mesmo tempo e balançando os braços de maneira igual! Pareciam ligados por fios invisíveis. “Como é que podiam todos andar assim certinhos?”

– Guiados pela música. A cadência, o ritmo, da música – explicou-lhe a jovem.

– A cadência permite ordenar os movimentos, para que o batalhão avance, progrida. É a ordem. Onde há ordem, há progresso.

Ele recordou-se da pequena bandeira de papel que certa vez uma senhora lhe dera, mostrando-lhe as letras e dizendo “Ordem e Progresso”; recomendando a seguir: “Defenda a sua Amazônia”. A Bandeira do Brasil!

A mente prosseguiu explorando aquele mundo desconhecido: “Por que será que todos estão de branco?”

– É a farda deles. Banda da Marinha – falou-lhe a jovem, colocando a mão, carinhosamente, sobre sua cabeça.

O poder mágico da música apossou-se da alma infantil. Nada mais lhe chamava a atenção, exceto a banda. Os instrumentos de metal o extasiavam. Peças douradas, que brilhavam como o sol sobre o mar, em fim

de tarde, o que costumava ver quando ia deitar na areia da praia. A música saía de dentro do sol. Imaginou-se soprando naquele tubo grande e enroscado como uma serpente, que terminava numa enorme abertura. Parecia-lhe o mais “rouco” de todos. Alguns tinham um som “fino”. Principalmente aqueles que se assemelhavam a um pequeno saco de pano quadriculado, cheio de ar, com umas varas em cima, os homens soprando num canudo. Que gozado! As pessoas também eram assim; quando entrava na igreja, durante a missa, e via uma turma cantando perto do altar, algumas tinham voz fina, outras grossa ou rouca. Gostava dos tambores. Mexiam com suas pernas, como se as empurrassem. Tinha a impressão de que faziam seu coração pulsar na mesma cadência. Estranhamente viam-lhe imagens mentais muito semelhantes ao que lhe contara a avó: ele marchando, atrás de soldados e, depois, voltando para casa, vendo bois, cavalos, cabritos, galinhas, campos, ruas de terra... Outro lugar, bastante diferente daquele em que estava vivendo. Que manhã maravilhosa! Tanta gente fardada, tocando para ele, desfilando. Jamais experimentara tal sensação de importância. E aquela “tia”, ao seu lado, respondendo suas perguntas... Sentiu-se integrado no mundo. Um brasileiro, como todos ali!

A idéia veio-lhe de repente! “Quando crescer, quero tocar na banda da Marinha”.

– Para isso, você tem que se empenhar. A vida é como a banda. Para ganhar as coisas que desejamos, de que gostamos, como a música, precisamos carregar os instrumentos, soprá-los com força, ou bater com decisão, ao lado dos outros, em equi-

pe, cada um integrado harmoniosamente com os demais, andando sempre para a frente, inclusive nas ladeiras muito inclinadas, debaixo de sol ou de chuva. E tudo começa com o estudo, até para aprender a tocar. Você tem de ir para a escola, precisa estudar – alertou-lhe a jovem.

Ele voltou o olhar para o chão e ficou vários segundos sem reagir, como se estivesse meditando. Já não dava atenção ao espetáculo que prosseguia. Então encarou-a, olhando-a fixamente.

– Eu vou. Vou dizer à minha mãe que eu quero ir pra escola. Se ela não puder, eu vou à igreja e peço à moça que trabalha lá – garantiu com entonação enfática.

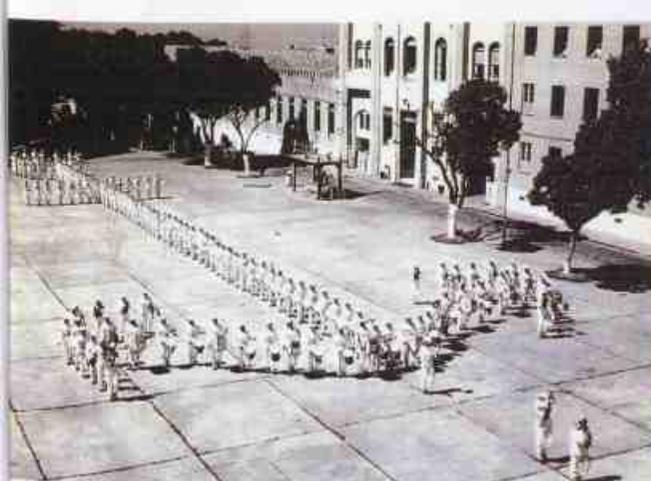
Começou a “marcar passo”. Saía da imobilidade existencial; dentro em breve estaria avançando, progredindo. A banda o despertava, pela segunda vez naquele dia.

Na nuvem tênue e única, em céu de manhã iluminada, as nove Musas celebravam o êxito no esforço que empreenderam para motivar e acordar o garoto, encenando um sonho animado pelo hino que a banda executava. Depositando sobre a almofada a sua lira, Apolo agradecia a Morfeu, pela colaboração. Ele e as filhas de Zeus queriam que aquele pequeno Ser Humano vivenciasse a experiência de conhecer uma banda, na esperança de invadir-lhe o coração, através da música, sensibilizá-lo e resgatá-lo; um menino de rua. Conseguiram.

A jovem, a “tia” que lograra ler os pensamentos do guri, respondendo-lhe as perguntas e sugerindo-lhe a grande mudança, desapareceu assim que a banda acabou de passar. Cumprira a sua missão social.

Era uma das Musas, a que inspirava a música.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<PSICOSSOCIAL> / Banda de Música /



ÀS

B  
A  
N  
D  
A  
S  
de  
M  
Ú  
S  
I  
C  
A

## A BANDA MARCIAL

1 e 2 – Sempre treinando. No pátio do CGCFN nos anos 50 e no fim de 2000.  
3 e 4 – O resultado de tanto esforço: a cerimônia militar.

(Fotos: CFN)



HOMENAGEM  
DA  
RMB



O Jazz Band (1929?)

## O PASSADO (Fotos: SDM)

Banda de Música em 1923





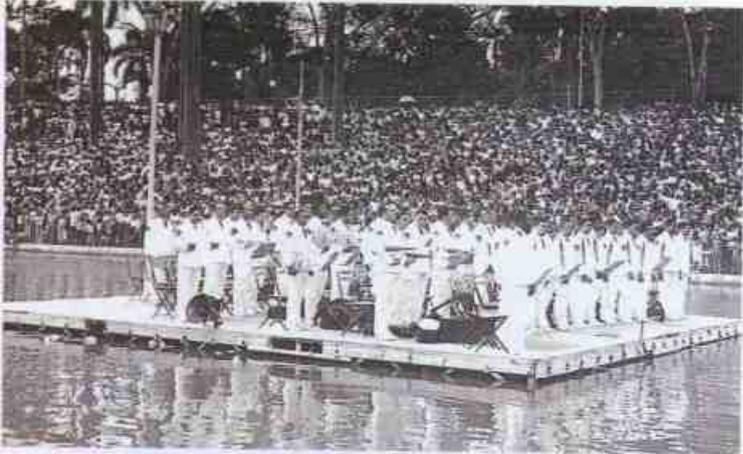
Orquestra *Fuzibossa* na festa de aniversário do CFN, no late Clube do RJ, em março de 2001

## O PRESENTE (Fotos: CFN)

À esquerda: Telma Costa, participação especial em mais de 26 apresentações da Banda Sinfônica.

Embaixo: Banda Sinfônica, já com a participação da mulher, em concerto no Teatro Municipal do RJ, em 19/3/2001, sob a regência do Maestro CT (T) Paulo Vieira da Costa





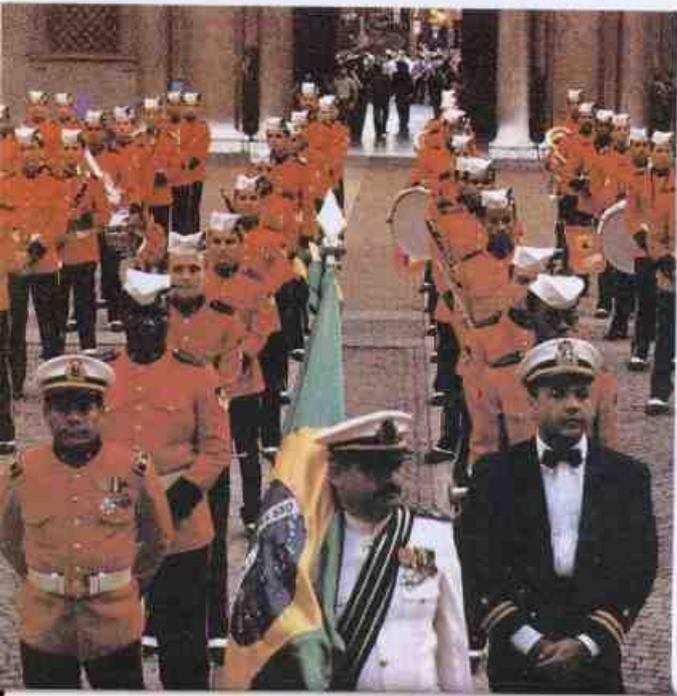
Concerto sinfônico na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, em 16/9/1973



Bandas Sinfônica e Marcial no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, no jogo Brasil x Uruguai, em 19/9/1993

## BANDAS SINFÔNICA e

(Fotos: 1ª SDM; demais CFN)



Banda Sinfônica, vencedora do concurso, em Modena, na Itália, em julho de 1996

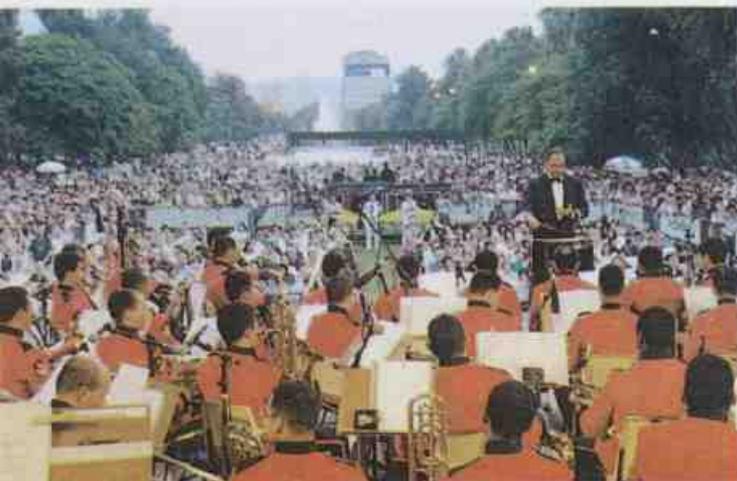


Concerto ao ar livre na cidade de Rio Grande, RS, em 13/4/2001



No ginásio de desportos *Ennes Gualberto*, em São Bento do Sul, RS, em 17/4/2001

No Parque Farroupilha, em Porto Alegre, RS, em 15/4/2001, sob a regência do Maestro CT (T) Paulo Vieira da Costa



M  
A  
R  
C  
I  
A  
L



No CIASC em março de 2001

PELO

No Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em março de 2001

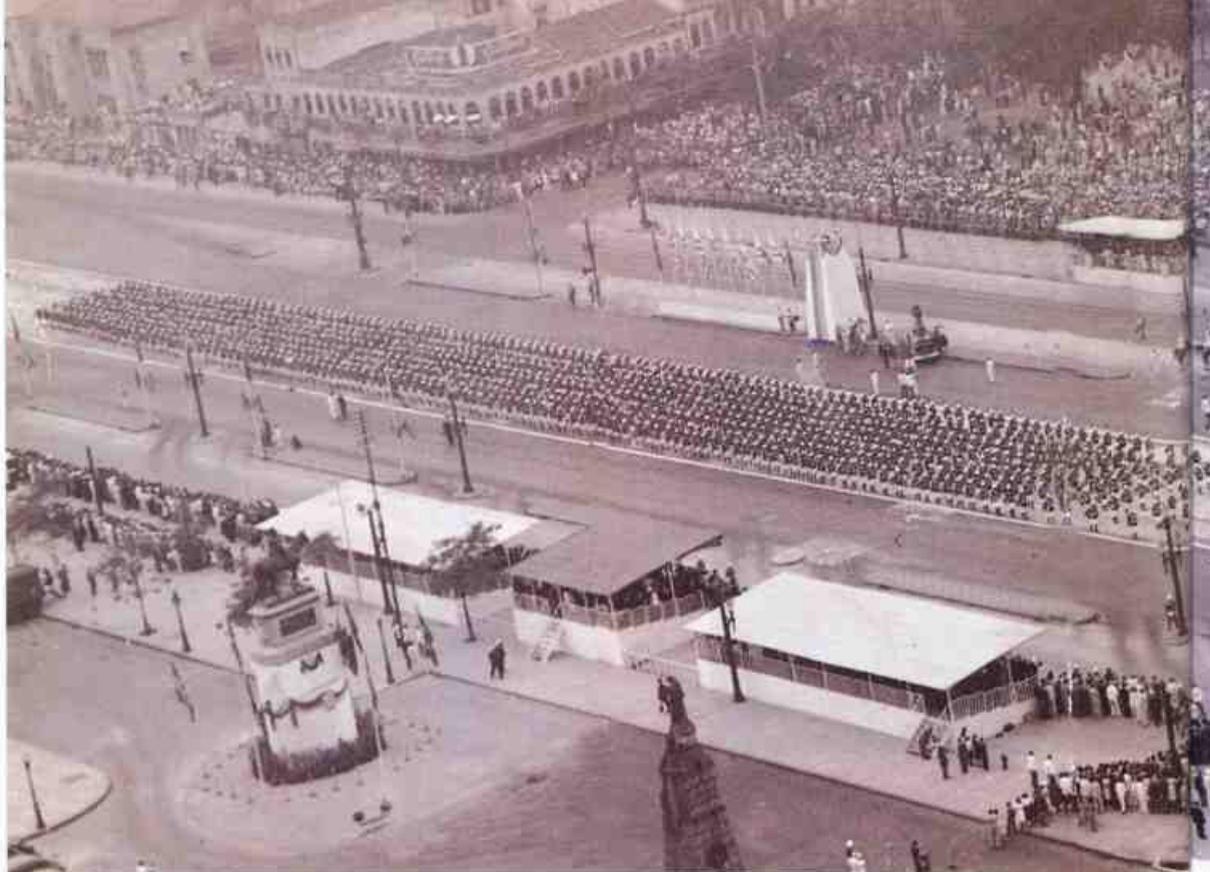
BRASIL



E O

MUNDO

(Fotos: CFN)



## AS BANDAS DE MÚSICA NOS

*Animando a tropa em campanha*





Na parada de 7 de Setembro de 1948

## S DESFILES

### MILITARES

Banda de música de um grupamento regional na década de 1960

Desfile na cidade de Mar de Espanha, MG, em 24/9/1999

(Fotos: CFN)



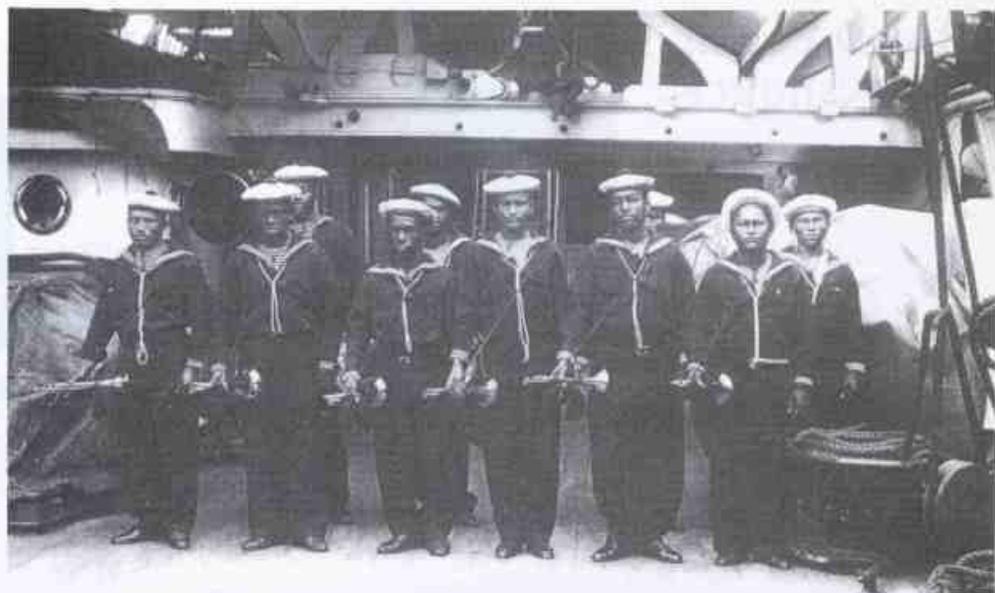


Bandas Sinfônica e Marcial (esta em uniforme garança) na festa de despedida do Vice-Almirante (FN) Moacyr Monteiro Baptista, no novo pátio do CGCFN, em 27/4/2001

(Fotos: CFN)

Quinteto de Sopros do CFN. Integrantes da Banda Sinfônica: 1º SG-FN-MU Wellington Corrêa Nogueira – trompa; 1º SG-FN-MU Mauro Ferreira Carvalho – flauta; 1º SG-FN-MU Paulo Cesar Gonçalves – clarinete; 2º SG-FN-MU José Fernando Miranda Barroso – oboé; e 2º SG-FN-MU Jorge Luiz Almeida de Lima – fagote.





A Banda Marcial

**E OS MARINHEIROS TAMBÉM  
TIVERAM AS SUAS BANDAS**

Ambas do NE *Benjamin Constant*, na viagem de 1906 – Fotos: SDM

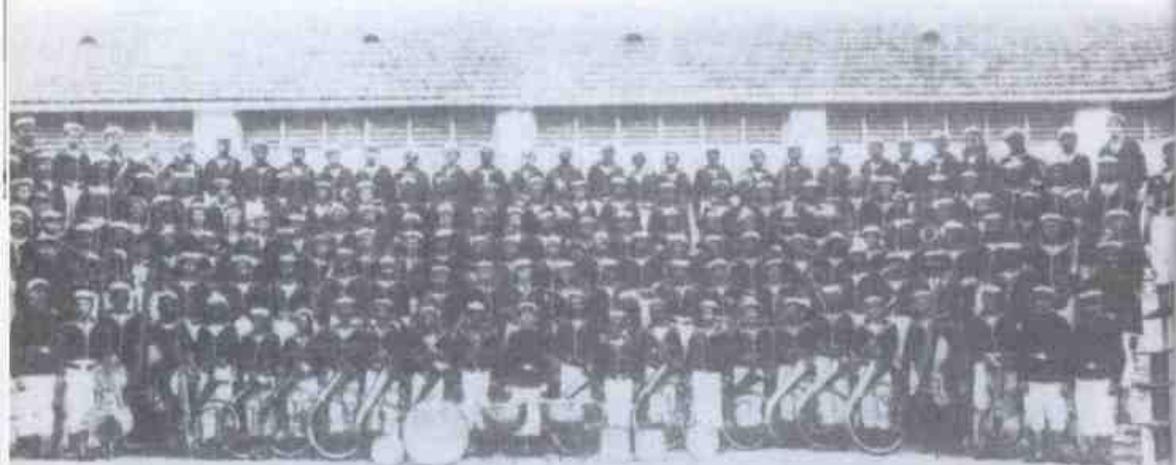
Banda de Música



# BANDAS DE MARINHEIROS

Banda Marcial da  
EAAMM-Ceará,  
em 1917

Banda de Música do Corpo de  
Marinheiros Nacionais.  
Observar os contrabaixos,  
violoncelos na primeira fila,  
nos extremos



Banda de  
Música de  
Marinheiros  
do  
Encouraçado  
São Paulo,  
em 1932



(Fotos: SDM)